

8 JUNHO
1925

= ANO 1.º - NUM. 2 =

PREÇO
1\$50

O Espectro

ARTUR LEITÃO
Director politico

■ PROPRIEDADE E EDIÇÃO DA "LVMEN" ■
■ Redacção e Administração: Rua do Mundo, 95, 3.º - LISBOA ■

F. VALENÇA
Director artistico

O NOSSO VISINHO E "PRIMO"



O programa do Ditador: **Em Marrocos a PAZ.**
Na Espanha a Guerra.



Fruta do tempo

ALGUNS EXEMPLOS

O portuguezinho dicaç inutilisa noventa por cento da intelligência de que dispõe a procurar nos acontecimentos e nas personalidades a ilharga do defeito para meter, por ela dentro, a choupa da maledicencia... E' uma propensão que degenerou em vicio. E' um vicio que entoxicou uma sociedade inteira.

E então no lisboeta, a coisa refina cada vez mais. O ideal, o paradigma, o figurino de todo o alfacinha que se presa é o Sr. Cunha Leal ou o Sr. Gualdino Gomes. Ou leader da opposição no areopago de S. Bento, ou vinagre aromatico na Brasileira do Chiado. Com maior ou menor dose de literatura, com menos ou mais facilidade de loquela, o que todos ambicionam, o que todos pretendem, o que todos admiram é aquele dom privilegiado e atiradiço que ambos possuem de transformar cada facto ou cada homem num alvo de frêchadas, de marcar em cada alvo a competente mouche e de picotear cada mouche com um tiro-teio cerrado e certo...

Cá por mim, confesso que prefiro gabar a mal dizer. Não sou péssimista, nem um negativista, nem um iconoclasta. Mas o meu espirito de benevolência não descamba no excesso de banaboia de cortar as unhas até ao sabugo só para que ninguém possa queixar-se de que agatanhei quem quer que fôsse. Regra geral, arranhar o proximo é um indício de mau character. Não obstante, surgem, por vezes, occasiões em que não há outro remedio. Nesse caso, já se vê, — cada um ferra a unha que tem...

Prefiro gabar a mal dizer. Para louvores, não basta porem que haja vontade. E' preciso materia prima.

Por exemplo: se eu chamar ao illustre senhor Frederico Antonio um estadista de assorda, faço uma afirmação perante a qual se torna licito alcinharem-me de má lingua? Mas se elle não é, nem nunca foi, nem jámais será outra coisa, — como diabo querem os senhores que lhe chame?

Eminente homem publico? Todo o mundo concluiria logo que estava a chasquear da publicidade do homem.

O Sr. Frederico Antonio não se inventou a si próprio. Quem o inventou foram os politicos. Os politicos é que o descobriram e alçaram. Os politicos é que o trouxeram para a cumiada do ministério do comercio. Os politicos é que lá entro-nisaram o tão celeberrimo Simas de quando ocupou a pasta da instrução pública. Os politicos é que, nesta hora difficil, ali mantem aquela moleza e aquele baboso arrastar de lesma, aquella enigmatica esfinge, modelada como água choca em miolo de pão centeio... Foram elles. Não fui eu.

Outro exemplo: Se eu afirmar, com amargura, mas corajosamente, que a morte de João Fiel Stokler foi um acontecimento encarado através da mais degradante insensibilidade e da mais apatica indiferença pelos representativs-menda Republica, deturpo a verdade, ou exagero-a, ou calunio alguém?

A perda do lealissimo republicano despertou menor impressão e menor comentario do que certamente provocaria um destes acontecimentos: o Sr. Antonio Maria da Silva rapar, do seu mento, a sua pera; ou o Sr. Alvaro de Castro iludir a careca com a deliberação formidavel de exhibir um capachinho...

Outro exemplo mais: Disse, ante-ontem, num jantar de politicos (se comi, paguei...) que por efeito da deturpação do velho espirito republicano, iniciada logo após o Governo Provisorio, não chegou a produzir-se em Portugal uma autentica mudança de regime, mas que houvera tão sòmente uma mudança curiosa de transportes.

Menti? Chalaceei?

A verdade é esta: os ministros da monarchia chouteavam de coupé; os magnates da Republica buzinam de automovel. Não vejo outra diferença. Nenhuma outra.

E como a mudança lhes aumentou a comodidade, reconhecem ás vezes, com magnanima complacência, que os de Cinco de Outubro algum préstimo tiveram: — O de lhes abrir a portinhola do carro...

A. L.

JOÃO CHAGAS



*Lutou, venceu na vida o bom combate,
O mais firme, o mais nobre, o mais leal,
A batalha sem treguas p'lo Ideal
Duma hora suprema de resgate.*

*No degrêdo, no exílio, na cadeia
Nunca afrouxou a sua fé ardente...
E, depois de vencer, o combatente
Serviu com igual fé a sua Idea.*

*Seja a sua memoria lenitivo
E sirva o seu exemplo de lição,
Nesta hora de vil e baixa intriga.*

*A Republica, el'trouxe-a, enquanto vivo,
Sempre ao colo, bem junta ao coração,
Emquanto outros a trazem na barriga.*

DEMOCRITO.

Vida cara... e descarada

Apareceu ai pelas gazêtas, o «programa» de uma comissão encarregada de inquerir e de achar o remedio para o mal da vida cara. Este mal, residindo principalmente na carestia das subsistencias, é incontestavelmente uma *doença... do estomago.*

A ideia do louvavel inquerito, erêmos que partiu do sr. ministro da Agricultura.

Os comissionados não sabêmos quem sejam, mas pela fantasia expandida devem ser poetas de raça. Em vez de caminharem prosaicamente a pé, pelo trilho do *pratico*, montaram no Pegaso, e ei-los em cavalgada pelas nuvens. Como não eram para cavalarias altas deram com os burrinhos n'agua. O vistoso «programa», de numeros de *efeito... sem efeito*, deve estar cumprido no ano de 3.000, isto se não for alterado por motivo de chuva...

E assim se passam anos e anos neste corro a salvar-te. E a vida cara cada vez mais gôrda e bochechuda já não é cara, é carão. Entretanto sucedem-se os salvadores, capacidades altas como *Torres... Novas* e elevadas como Zimborios da Estrêla, formam montanhas que dão á luz ratos. E desta vez a ratice desandou em *coisa... bem ratazana.*

Engulindo em sêco...

Adejando em tórno de um cadaver, grasnou um côrvo. O cadaver era o do eminente jornalista João Chagas e o côrvo o *João... Ninguem* Moreira de Almeida.

Esta *ave de pena... desconsulado* de Banana, director de Bancos que quebraram pelas pernas e de Companhias em que os dividendos se derretiam como *torrões... de assucar*, sempre teve o bico comprido. Foi ele que, enchendo o ambiente com o *fumo... da questão dos tabacos*, preparou a atmosfera do regicidio. Agora quiz roçar com a sua negra aza o republicanismo de Chagas, attribuindo-lhe ter ele dito estar numa restauração monarchica a salvação do paiz. Foi infeliz a *ave* agoirenta, porque pessoas honestos lhe fizeram engulir em sêco a atoarda. Entretanto, vai o côrvo planando e crocitando pelo espaço, sem o auxilio de umas *azas... de pau...*



No banquete de homenagem ao general Sá Cardoso juntaram-se políticos de varias côres e diferentes aspectos: Conservadores e semi-conservadores, radicais e semi-radicaes, uns calvos, outros barbados, outros ainda com simples bigode, sem contar algumas caras rapadas.

Mas—caso curioso num meio, que nem por meter muita gente deixa de ser acanhado—nem todos os politicos presentes se conheciam uns aos outros. Assim, alguem, apontando uma face de venerandas barbas brancas, perguntou ao seu visinho de mēsa quem era aquele homem publico tão particularmente desconhecido.

—Homem, é o Pato!—respondeu o interpe-

lado.
—Não falo do *menu* que os criados estão servindo, pergunto quem é aquele sujeito—insistiu o curioso.

—Nem você conhece outra pessoa... E' o Bulhão Pato...

—??...

—... mais conhecido pelo salvador das nossas colonias.

Ingrato pais este em que os estadistas não gosam sequer as regalias dos cadaveres que vão para a morgue e que são sempre reconhecidos, á primeira vista.



Os senhores já repararam no aspecto questionador da nossa politica?

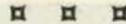
Nas Camaras tudo são questões, desde a questão prévia á questão politica. Presentemente, para variar, temos a questão de Macau.

Ora os senhores sabem o que deve fazer-se, segundo as leis vigentes, a quem constantemente anda envolvido ou arma questões em publico?...
Pois é isso mesmo!



FESTEJANDO as bodas de ouro do seu curso, João Franco juntou-se em Coimbra com alguns dos seus condiscipulos e aproveitou o ensejo para botar falinhas mansas aos moços da briosa academia coimbrã, que foram saudar os encanecidos bachareis.

O Messias desandou em profeta de esperanças. E' o resultado de dezessete anos de cenobio e meditação ou simplesmente aquele vergar de conscieneia sobre si mesma, a que vulgarmente se chama remorso?



ALGUEM nos afirma ter visto uma proclamação, que terminava por estas palavras conclusivas: «A's armas pela salvação de Portugal!» Assinava a prosa: «Um grupo de officiais do exercito e da armada constituído em Junta de Salvação Nacional.»

Como se vê, continua a «paz tranquila dos vai-vens da sorte,» de que se fala no «*Noivado do Sepulcro.*»

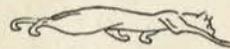
E' que o mal pior, entre os varios de que o pais enferma, é precisamente este de haver muita gente a querer salva lo. Já o diz, com inegavel verdade, a sabedoria das nações que muita gente junta não se salva a si propria quanto mais aos outros.

Imagine-se um desgraçado caído com fome e roído de parasitas que reunisse em redor do combalido canastro todos os medicos e curanheiros da terra, cada um porfiando em lhe salvar a vida pelo seu processo, desde a vulgar apostura de bichas até ás mais complicadas applicações da radiologia e sem que nenhum deles, mero barbeiro sangrador ou sumidade medica da Faculdade, se lembrasse desta coisa simples: dar de comer ao enfermo e limpa lo das bichezas que o devoram. Para pôr de acordo as varias escolas e sistemas em debate em torno do seu esqueleto, o desgraçado só teria um meio: deixar-se morrer.

Não, salvadores, não porfiem em salvar-nos mais do que já estamos. Deixem-nos viver, que o organismo ainda tem a resistencia precisa para reagir á doença, sem auxilio das mésinhas revolucionarias, que só nos enfraquecem.

E se ha no exercito e na armada quem absolutamente queira salvar, então, para fazer o gosto ao dēdo, que salve com vinçe e um tiros... de polvora sēca.

O MELRO.



UM SUBSIDIO

Sabem com quanto o Ministerio do Trabalho subsidia os corpos administrativos para os ajudar nas obras de salubridade publica, a seu cargo?

Com duzentos setenta e quatro contos ou sejam aproximadamente dezoito vintens por cada Junta de Freguezia.

E com uma largueza de animo digna de registo, aquele ministerio não se limita a dar o dinheiro: dá tambem a faculdade aos corpos administrativos de applicarem o subsidio em fontes ou cemiterios.

Deslumbrados com o dinheirão que no rateio lhes cabe, ha juntas de freguezia que se propõem construir fontes de marmore de Carrara, por cujas carrancas de bronze dia e noite jorre *champane*, e ha camaras municipais que premeditam dotar os seus cemiterios com *maples*, agua quente e fria em todos os jazigos e casas de banho com os respectivos autoclismos, para conforto e comodidade dos seus municipes defuntos.

HISTORIA DE RATOS



Dois ratos de sacristia
Combinaram á sucapa
Em certa *Epoca*, um *Dia*,
Ir a Roma ver o Pápa.

Arranjaram um disfarce
E d'ovelhas num rebanho,
Lá seguiram a juntar-se
Com um terceiro murganho.

Percorreram de mãos dadas
Vaticano e Quirinal;
Houve banquetes, chásadas...
Foi um pagóde *real*!

E apanhando ali ao pé
Outros ratos de feição,
Chegaram, dizem, até
A pensar em *reinação*.

Mas um *gato* que escondido
Farejava a malandrice,
Muito correcto e polido,
Chegou-se a eles e disse:

— «Querem vossas senhorias
Utilisar do «*Carocho*»
Hospedagem d'alguns dias
E um pouco de *Trigo roxo*?»

Responderam-lhe os ladinos
«Que ficavam muito gratos
Mas não eram peregrinos
De visita ao papa... ratos.»

.....
E raspam-se as *ovelhas*
Cada qual para seu lado.
Cinzentas, grandes orelhas
Todas co'o rabo pelado...

JOÃO RATÃO.

A ENTREVISTA DA SEMANA

A peregrinação a Lourdes e a Roma

Os milagres—Os nossos diplomatas—O sr. Lino Neto no Vaticano—Porque não foi recebido pelo Papa o sr. Fernando de Sousa—O sr. D. Manuel e os portugueses—Uma util aplicação do sr. Cancela d'Abreu

RESOLVEMOS dar aos leitores do *Espectro* uma impressão flagrante do que foi a peregrinação a Lourdes e a Roma. Lá estivemos na *gare* do Rocio, aguardando os comboios especiais, na certeza inabalável de que a Senhora de Lourdes não deixaria de fazer o milagre de nos mandar o entrevistado de que tanto carecíamos n'aquela ocasião. E assim foi. Entre a multidão de devotos reconhecemos o nosso amigo Anastacio da Purificação, que se prontificou muito amavelmente a elucidar-nos.

Cumprimentos, noticias da familia e toca a indagar:

—Esse corpinho cheio de graça, hein?

—De graça, não. Era tudo por dinheiro. A agua de Lourdes e o vinho dos hotéis. Mas lá o corpinho cheio sim, senhor. Fez-se o que se pôde.

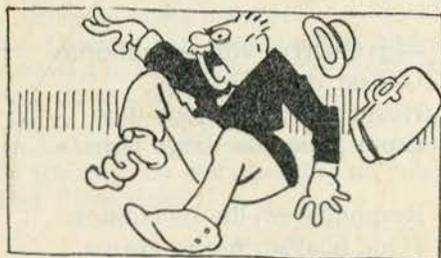
—Gostou muito da lingua franceza?

—Pareceu-me um bocado exquisita. Era *beaucoup* para um lado, *beaucoup* para outro... Não gostei.

—E houve muitos milagres?

—Assim, assim... Olhe: o sr. Lino Neto não teve nenhuma congestão quando viu na gruta, deante de si, o sr. Fernando de Sousa. Toda a gente dizia: só por milagre! E houve outros.

—Ainda outros?



—Um peregrino torceu um pé, ao descer da carruagem, na estação. Só por milagre não quebrou uma perna! Foi logo á repartição dos milagres mostrar a perna. Ficou tudo assombrado. Realmente, não estava partida. Os medicos nem queriam acreditar!

—E sempre é verdade que ha catacumbas em Roma?

—Catacumbas? Deve ser engano. Catapultas é que o senhor quer dizer. Isso havia todas as

noites nos quartos dos hotéis. E catapercevejos tambem. Havia de tudo.

—O sr. dr. Augusto de Castro tratou bem os peregrinos?



—Moeu-nos, meu caro senhor. Moeu-nos com discursos, moeu-nos com recomendações, moeu-nos com conselhos—moeu-nos a paciencia. Aquilo não era um diplomata. Era uma fabrica de moagem.

—E o sr. Eusebio Leão?

—Esse não sahiu da jaula. A unica fera que anda á solta por lá é o Mussolini. E esse mesmo já espera ser enjaulado qualquer dia. Não tem lido nos jornais que ele vai muitas vezes ao Jardim Zoologico ver um leão?

—Sim, sim...

—Já se sabe tudo. Vai conversar com o bicho, perguntar-lhe como o tratam, se lhe dão a comida a horas, se a cama tem colchões de arame, se as leoas cumprem o seu dever... Prepara-se para entrar na jaula.

—Percebeu se os italianos gostam tanto de musica como se diz?

—Percebi logo. Andam todos com liras nos bolsos.

—E o que se passou com o sr. D. Manuel?

—Foi muito engraçado. Quando lhe constou que estavam portugueses em Roma passou a andar pelas ruas com muito cuidado. Disfarçou-se em conde, para ninguem dar por ele. Quando soube que os portugueses eram catolicos meteu-se no hotel e resolveu não pôr os pés na rua. Mas o peor ainda foi quando lhe disseram que, alem de catolicos, todos aqueles portugueses eram monarchicos. Ia tendo uma congestão! Fechou-se a sete chaves no quarto do hotel, barricou a porta

com todos os moveis disponiveis e só comunicava com a esposa pelo buraco da fechadura.

— Mas os jornais disseram que ele tinha recebido o sr. Cancela d'Abreu...

— E é verdade. Para o fechar, afim de ficar mais seguro.

— Como foi isso?

— Recebeu-o e disse-lhe imediatamente: «Cancela, fecha-te! Aqui ninguem entra!» E ninguem mais entrou.

— E essa historia do *Nemo* não ser recebido no Vaticano?



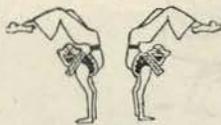
— Foi uma simples confusão. Quando disseram ao Santo Padre que o *Nemo* lhe queria falar, ele fez o sinal da cruz e gritou *vade-retro!* Tinha imaginado que era o demo... Não houve maneira de o convencer.

— O sr. Lino Neto foi bem recebido?

— Muito bem. Deu-se apenas um pequeno incidente. Quando o Santo Padre lhe disse «Eu te abenço, meu filho», o sr. Lino Neto encordou e respondeu logo: «Filho, não. Neto, Lino Neto...».

Não quizemos abusar por mais tempo da gentileza do nosso entrevistado. Os informes colhidos elucidam suficientemente os leitores sobre a grandeza e imponencia de tão assombrosa manifestação do catolicismo português.

Fé de mais? Fé de menos? São os factes que respondem a essas perguntas.



A pescar...

Foi preso na alameda de Algés o partido reformador, dando entrada pouco depois, inteirinho, numa esquadra de policia. A proximidade da praia faz supor que o sr. José Eugenio se preparava para pescar, lançando o anzol dos seus planos á isca da governação publica. Trabalho perdido! O delegado do governo em Oeiras deitou-lhe a mão, comeu a isca — e não se sabe o que fez ao anzol...



CAPITULO II

(Continuação do numero anterior)

Historia: — Matrona desmemoriada para quem o passado é muito melhor que o presente.

■

Abuso de confiança: é aquele que as pessoas timoratas podem usar mais confiadamente.

■

Estupido: especie de mataborrão. Tudo quanto absorve fica impresso ao contrario.

■

Loucura é um cruzamento de fios na *Central* do cérebro. Tambem se chama a *sabotage da inteligencia*.

■

Realistas: diz-se daqueles que exigem *realidades* dentro da Republica.

■

Telefone: medida de higiene contra o mau halito e os perdigotos.

■

Palavra d'honra: objecto que se empenha numa allicção.

■

Estadista: politico no *terceiro estado*.

■

A Assistencia: viuva recolhida que vive á custa da generosidade duns e da necessidade doutros.

■

Portugal, terra de pinheiros: pinheiro manso, pinheiro bravo, Pinheiro maluço...

■

Ha pessoas que dão bons conselhos como se ensinassem receitas de pudins que nunca comeram.

■

Sêde modestos nas vossas ambições: um olho de vidro é muito util; dois, não servem para nada.

■

Valentia é a arte de esconder o medo.

■

Raposa: animal que ficou reprovado no exame para cão.

■

Mentiroso: criador de verdades... que não existem.

RUY VAZ.

EXPLOÇÃO DE BOMBAS EM LISBOA



○ **FORASTEIRO:** — E chama-se a minha terra Bombarral, onde nunca rebentam bombas!!

DURANTE A PESCA...



—¿Y que hacen los portugueses?
—Discuten en tierra si pueden o no pescar...



A Livraria Portugal-Brazil vai transformar-se num café, continuando a pertencer à mesma sociedade.

(Dos jornais.)

5 horas da tarde. Meças com alguns freguezes e acepipes. Gente da fina flor da literatura, das artes e das sciencias.

De smoking, guardanapo no braço, sorriso nos lábios, Julio Dantas avança com uma bandeja de chá e torradas.

JULIO DANTAS

Madame X, Chá e torradas? Quer?

MADAME X (reconhecendo-o)

O Dantas! Mas que horror! Você creado De restaurant!... Dantas, isso é descer...



JULIO DANTAS

Isto é subir, Madame. Andei errado Mais de vinte anos a fazer romances; Ganhei pouco e tive dissabores, Desgostos, pateadas, duros lances, Com publico, co'actrizes, com auctores, Quando eu devia ver de mais a mais

Que a sorte me indicava este caminho
Quando servi a ceia aos cardeais.
Isto é subir, Madame. Este chásinho
Vale mais do que um acto de comédia
E dá um juro como nunca deu
Um auto, um drama, ou mesmo uma tragedia.
O dramaturgo, o poeta, esse, morreu.
Prosa agora, sómente a desta lista
De bons piteus e, quanto a bom teatro,
Só se faz em sessão nacionalista,
Aonde ás vezes pinto o diabo a quatro,
Marcando entradas e saídas falsas
No palco de S. Bento,
Aos quatro ou cinco salsas
Que o partido lá tem no Parlamento.
A prosa agora é esta, que eu, Madame,
Sou de muito alimento...
E depois, quando algum freguez me chame
Batendo as palmas, eu, tenho a ilusão
De que estou recebendo, em pleno Nacional
Uma estrondosa, esplendida ovação!
Isto é subir, madame, que afinal
O que a gente, procura, busca e quer
Por luxo, por vaidade, ou por amor
É cobrar em dinheiro ou beijos de mulher
Os direitos de auctor.
E como vê, aqui, com duas tretas
Dá-se o chá, mas recebem-se as gorgetas.

Do fundo do café surge o poeta Afonso Lopes Vieira, com o Pão e as Rosas, que vai distribuindo pelas diversas meças, enquanto o Jazz-Band, regido pelo romancista Carlos Malheiro Dias, ataca com vivacidade um fox-trot. Lopes Vieira, com passos da Dança do Vento, baila, baila e assobia, baila, baila e rodopia e tudo baila em redor... das meças.

AFONSO LOPES VIEIRA

Não me comam o pão, salvem-me as rosas
Do apetite voraz destes patifes!...
Que tragicas angustias dolorosas!
Que horror, meu Deus, ter devorar em bifés
A carne d'animais nossos amigos
E triturar sem alma nem piedade
Os grãos doirados dos doirados trigos
Só p'ra dar de comer a uma cidade.
Vivam d'Ar livre como vivem ninfas
Em um Paiç lilaz, destero azul,
Onde apenas se bebem puras linfas
E onde os chás se não servem por um bule!

Ail do *Poeta Saudade*, aqui tão mal
Neste ingrato e vilíssimo papel!
Eu que andava *Em demanda do Graal*
Encoberto em S. Pedro de Muel,
Venho a acabar, enfim, meus tristes dias
Transformado num *Naufrago* das letras,
Como se fosse uma mulher a dias,
Lavando a loiça no «Café das Tretas».

E *Para Qué?* se a casa está vazia
E nunca vejo esta algibeira cheia...
Lá fugiu toda a antiga freguezia
Como se isto aqui fosse uma cadeia...



Está o Artur todo o dia
Sentado em sua janela,
A vêr se vem freguezia,
Da que nos tempos passados
Visitava a Livraria;
Mas debalde Artur espera
Que um bolo venha a comer,
A' nova pastelaria,
Quem tantos livros comprava
Quando isto era livraria.

Artur assoma mil vezes
Em a sua gelosia,
Chama quem passa na rua,
Toda a gente chamaria,
Mas a roda anda ás avessas
Nunca chega a freguezia.

O POETA SEVILHA (batendo as palmas)

Venha de lá um *five o klok* tia...
Um palito, um jornal e meio ovo
P'ra alimentar a musa...

O POETA S. RITA

Tru-lu-ru
Tru-lu-ru... Eis o teatro novo...
Tru-lu-ru... Tru-lu-ru... Preto papão,
Tru-lu-ru... Tru-lu-ru... Preto papim.
Afonso traz-me um bife e meio pão
Um bife e meio pão cá para mim.

A POETISA VIRGINIA VICTORINO

Começaram as horas a cahir.
Uma... Duas — Almoço p'ra á freguezia.
E eu com fome, assim como quem reza
Cá vou contando as horas a sorrir.

E três e quatro, cinco. E o pão sem vir
E se inda chega a vir é uma frieza.
Seis, sete. Mas que casa! E eu aqui preza
Sem comer nada e sem poder sahir...

Oito, nove e o almoço onde é que está?
Sinto passos. E' ele que vem lá.
Enganei-me. Que fome e que alvoroço!

Dez, onze, mas meu Deus, tantas demoras...
A barriga sucumbe e já dá horas...
Meia noite. Acabou-se. Não almoço.

JULIO DANTAS

Pobre pequena, está já quasi morta.

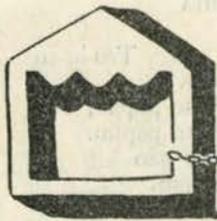
AFONSO LOPES VIEIRA

Artur apaga a luz e fecha a porta.

ABEL MORENO.



Os pretos no Jazz-Band



PRIMEIRAS DE PRIMEIRISSIMAS
KNOCK ou



Peça em um discurso, tres^{as} actos e tres bailados
para inauguração do Teatro Novo propriamente dito

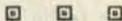
Já ha tempos que os boletins do observatorio meteorologico vinham annunciando para o dia seguinte: «Vento fraco de S. W., ceu nublado ou de algumas nuvens e abertura do Teatro Novo». Mas, como é costume, os boletins enganavam-se, porque ventava forte e o Teatro Novo não abria.

Tudo, porém, neste mundo tem um fim e á força de estar fechado o Teatro Novo decidiu-se a abrir, mas a abrir francamente e sem subterfugios, com o *Knock* em três actos e o Florencio em três partes.

Lá estivemos, como toda a Lisboa que se interessa por assuntos de arte e que, infelizmente, cabe toda nas trezentas cadeiras da platéa.

Logo na entrada nos surpreendeu agradavelmente um vestibulo vestido de arlequim, ostentando na lapela algumas gaiolas em que os canarios foram substituidos por lampadas electricas, aves que tem sobre os pintasilgos e congéneres a vantagem de darem luz e não comerem alpista. Penetrando na sala, a primeira impressão que tem o espectador é a de que, por engano, á sobrezeza, foi engolido por uma laranja. Tudo em redor é côr de laranja: paredes, cadeiras, as caras suadas dos parceiros e só o tecto parece gosar algum fresco, porque se apresenta em trajos menores.

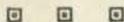
Ou seja pelo calor da sala ou por estarmos em junho, o caso é que aquella laranjada toda é agradável á vista e ao paladar e sente-se a gente grato ao architecto decorador, José Pacheco, que conseguiu dar áquele aquecimento lateral dos cortinados um certo viço e frescura.



Calcula-se que o palco seja ao fundo, porque estão para lá viradas as cadeiras e ainda porque se avista para essas bandas o braço dum rabeção. Em todo o caso, como o teatro é novo, ha quem suponha que uma das novidades consistirá em ter o palco no tecto e por isso alguns espectadores não tiram os olhos do docel, á espera de ver correr o pano.

Mas, não. O tablado é realmente ao fundo. Descerram-se as cortinas e vê-se um palco de trazer por casa, um palco que se diz á boca pequena e cujo pano anuncia em grossas letras: *Knock*. Vai começar o «Triunfo da Medicina», dizem todos, radiantes. Falaz illusão!... O que vai começar é o Triunfo do Ferro, que aparece em tamanho natural e ferra uma descompostura de meia hora no auditorio, com directas e indirectas, latins de confissão, adagios e proverbios e principalmente tão recheada de minuciosas explicações sobre a peça e os intentos do Teatro Novo que só lhe faltou concluir desta forma: «Eu digo isto tudo, porque Vossas Excelencias são sufficientemente estupidos para não perceberem boia do assunto.»

Havia quem dissesse que este discurso de abertura, com o nosso Antonio Ferro a encher a scena, foi uma forma de sofismar as exigencias dos bombeiros, que queriam por força que o palco tivesse o pano de ferro. Se isto é assim, se o discurso foi o pano... de amostra, temos de concordar em que, quanto á extensão, tinha pano para mangas.



Eis-nos em pleno *Knock*. Personagens: um «chauffeur», dois medicos, uma senhora, um automovel, algumas bagagens e duas arvores esterilizadas por Leitão de Barros. O scenario é da agencia Magno e representa uma camara ar-

dente, cuja unica luz é a Luz Veloso. No entanto, estamos numa estrada, que pela escuridão parece uma rua de Lisboa. Apesar de estar tudo ás escuras, vê-se nesta estrada, que se mantem em camara ardente, uma transparente alusão ás nossas vias de communicação que desapareceram sem deixar herdeiros.

Trava-se dialogo entre o dr. Knock de Oliveira e o dr. Gil Parpalaid, que mutuamente se querem comer a cabeça. De vez em quando intervem a D. Luz Veloso, mas a luz não é positivamente o forte deste acto, porque é pequenissima. O *chauffeur* trava luta com o automovel até que acaba por conseguir que este ande só numa roda. As arvores esterilizadas aproveitam este exemplo e põem-se tambem a andar nas pontinhas dos pés.

E não havendo outros assuntos a tratar, acaba-se o primeiro acto.

Segue-se um enorme intervalo, porque, como a scena é pequena, os intervalos são grandes e é forçoso armar a scena nos intervalos. Não sabemos se perceberam, mas isto é mesmo assim.

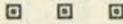


Descasca-se ao fundo a laranja, torna-se a vêr o pano anunciador e por fim lá começa o 2.º acto com uma palestra entre o Joaquim Knock d'Oliveira e o Aurélio Ribeiro, que toca tambor e deita pregões. O doutor, como quer criar fama num rufo, encarrega o tambor do reclame. Entra o Miranda mestre-escola, que se assusta com a hipotese de ser porta-micróbios, o que parece que é muito pior que ser porta-machado. O tambor já começou a produzir os seus-efeitos e eis que se apresentam para a consulta uns poucos de clientes, entre os quais nos lembra ter visto: Raquel Moreira, vestindo de preto, Amélia Trajano, vestindo de rôxo e com tais tremuras e tão incertos passos que ao rôxo se deve attribuir o *delirium tremens* de que sofre.

Entra uma parelha de camponeses, um dos quais é o José Henriques Gabinete, a quem o doutor Knock mandou despir e deitar na marquesa. Vê-se logo que o doutor escolheu aquele Gabinete para as suas operações. Fechada a porta sobre o último cliente, entra pela direita um fóco eléctrico, dá em cheio na cara do Knock e o pano cai em si, descendo rapidamente.

Espera-se mais meia hora e estamos no terceiro acto, no hotel Regina. Na região estão todos doentes, graças a Deus

e o Gil, como já há doentes, quer voltar ali a ser médico. Mas o Joaquim d'Oliveira não está para aí virado. Foi êle quem ensaiou a peça e ha-de ser êle obrigatoriamente o facultativo da região. Palavra puxa palavra, vem a saber-se que o dr. Knock gosa duma excelente reputação, que não há quem lhe resista a estar doente e o acto acaba ás dez da manhã, escurecendo a scena só para o Gil Ferreira apañhar também com o fóco nas barbas, porque, emfim, também é um actor com categoria para efeitos luminosos.



Depois tivemos Florêncio, o bailarino... Florêncio não se descreve: vê-se... E não se acredita o que êle faz com uma lampada d'alcool!... Qualquer de nós, com aquele aparelho, faz, num apêrto, uns ovos mexidos. Pois Florêncio não!... Florêncio faz poses, poses verdadeiramente gregas, egípcias, assirias e babilónicas, com uma simples lamparina na mão e vestindo umas simples cuecas côr de lombo de sardinha fresca.

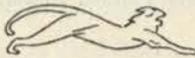
O que desacredita um pouco Florêncio é um pano-talão, que desce no fim dos seus números, em que nos pareceu reconhecer um velho *panneau* que na nossa meninice anunciava na feira d'Alcantara a «Mulher Eléctrica».

P. NAMENA.



Efeitos do opio

A discussão da questão de Macau tem produzido na Camara uma certa sonolencia. Falta de vibração oratoria? Muito longe disso. E' que, tratando-se de Macau, o opio faz sentir logo os seus efeitos.



o cancionero do «Espectro»

I

O' senhor José Tendeiro
Frize os bigodinhos hoje
E logo ás onze da noite
Abra-me a porta da loge.

II

Vindos da frente dansavam
Num serão, varios rapazes.
De repente ouve-se um brado:
Ponham mascaras; há gazes!



PREVISÃO

Os jornais publicaram ha dias uma larga distribuição de verbas feita pelo ministerio do trabalho para melhoramentos locais. Figura na lista o concelho de Méda com alguns milhares de escudos para fontes e cemiterios.

Só temos que louvar a engenhosa previsão dos nossos estadistas. Tratando-se de Méda estão indicadas as fontes — por causa das lavagens. Os cemiterios devem obedecer ao receio de alguma epidemia...

VELHINHO — fica!

«Consta que o sr. Velhinho Correia vai ser nomeado governador de Macau.»

(Dos jornais.)

Esta noticia horrivel, tragica, fatal
Não pode confirmar-se, a bem de Portugal!

Ir-se embora o Velhinho? Não, mil vezes não!
Faça-se tudo, um crime, uma revolução
Mas que o Velhinho fique — e a sua voz potente
Continue a salvar este paiz doente.

Que é ele na tropa? Um simples capitão?
Pois toca a promove-lo já por distincção.
Já! Façam-no major, cor'nel ou general
Se não quizerem dar-lhe o bastão de mar'chal!

Ficamos sem ninguem que ali, no parlamento
Num discurso grandioso, em quinze ou vinte dias
Se decida a lavar as nodoas do orçamento
Faça dormir, sonhar, ao som de economias!...

Ninguem dirá ao ver o seu perfil bojudo
O ar bonacheirão, a pança saliente
Como ele sabe tudo, tudo, tudo, tudo!
Que não ha deputado mais eloquente
Nem mestre mais arguto em tricas financeiras!

Um abandono triste e lasso de maneiras
Dá á sua oratoria um delicado tom,
Se ele conhece o Jéze e fala já em Proudhon...

Diz-se até que o Caillaux, embatucado, aflito
Mandou-lhe em telegrama este angustioso grito:
«Velhinho genial! Oh! Mestre da finança
Vem depressa, a correr, anda salvar a França!»

O carinho, o amor que ele consagra ao escudo
Dão-lhe direito a ser, em preto agradecido
O escudeiro mór deste paiz perdido!
Pois se ele sabe tudo, tudo, tudo, tudo...

Não partas, não, Velhinho! E's a nossa alegria
Tens um logar marcado, e bom!, na Academia.

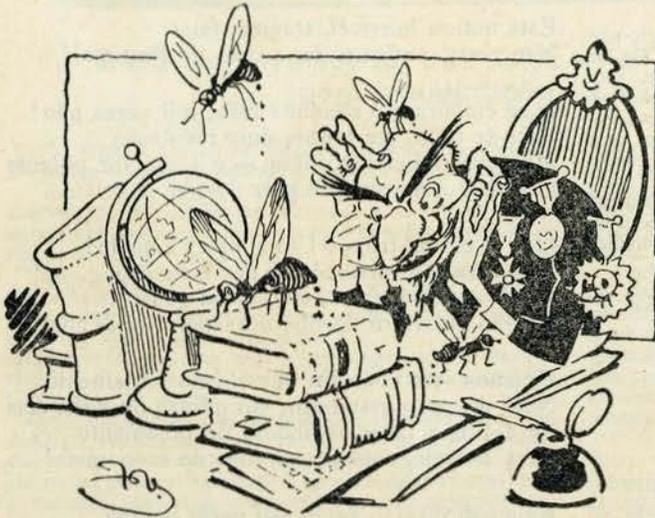
Ir governar Macau? Que triste, negra ideia!
Seguias, grande genio, arriscado caminho
Não voltavas, jámais, jámais a ser Velhinho
Passarias, p'ra todo o sempre, a ser Correia!

Atende Portugal! Fica, não sejas mau
Deixa p'ra qualquer outro a cõdea de Macau!



A "GALARIA"

II - MESTRE CABREIRA



As horas do Mestre estão prefixamente destinadas. Èle sabe que os tres principais factores do génio são a persistência, o método — e o réclamo nas gazetas... Èle sabe que o melhor descanso dos laboriosos consiste em variar de trabalho. E, por isso, organizou o seu programa de estudos, hora por hora, com prévia demarcação e subordinando o computo do tempo ao meridiano de Greenwich por onde regula o «sabonete».

Assim, das oito ás nove da manhã, dedica-se á geo-física. Das nove ás dez ocupa-se da psicologia transcendental. Das dez ás onze, medita sôbre ocorrências de portas a dentro e saca, da sua banalidade aparente, conceitos lapidares, profundos.

Das onze ao meio dia... Mas é inutil particularisar o resto do horario, porque é entre as dez e as onze que o Mestre agora está. Ouve-se através duma janela aberta o pregão dum ferro velho e do mil setecentos e noventa e nove em vigesimos e cautelas. Há calor. Há moscas. Moscas rodopiantes, agressivas, irreverentes. Poisam. Picam. Sujam. E, ante os detricos que elas deixam, o Mestre profere este hamletico monólogo:

O raciocínio humano é sempre manco...

Há um escano secreto

No que pareça mais patente e franco

E de mais claro e cristalino aspecto.

O raciocínio humano é sempre manco,

Mesmo o dum sábio penetrante e astuto...

Porque faz preto, a mosca, sôbre o branco?

Porque é, que em fundo branco, deixa luto?

E eternamente há de ficar incerto

Porque é assim, porque não é assado...

Em resumo: um C... aberto

— É um mistério fechado!

JACOB INO.



Todos os oito dias lêmos nas gasêtas que se prepara uma nova emprêsa, ou para explorar um teatro onde outra companhia faliu na quinzena anterior ou para aproveitar um verão que, com pontualidade notavel, comparece todos os anos. Por vezes essas emprêsas, encontrando os teatros de Lisboa atulhados, premeditam ir exercer as suas violencias para o Porto, para as provincias ou para as ilhas. Os jornaes informam-nos da constituição da companhia, da sua *estrela têmea* ou do seu *estrelô macho*, e — caso se trate duma excursão — do seu itinerário e das populosas capitães de districto onde ansiosamente se aguarda a chegada do arrojado emprezario e respectivo acompanhamento. Como todos, a mal ou bem, somos membros natos da Sociedade Protectora dos Animaes, dissemos aos nossos botões:

— «Coitados! Deus lhes ponha a virtude.»

Sabemos de fonte limpa que, por mênos talento que os camaradas lhes atribuem, os comediantes precisam de se alimentar quando mais não seja uma vez ao dia e, embora contra vontade, toca de desejar boa sorte ao novo empreendimento.

O engraçado é quando a gasêta nos faz sciente de reportório escolhido. Quem tenha visitas a passar o serão e queira entretê-las com um jogo de sala pode escolher o seguinte, que é simples, quando não se lhe ponha muita maldade.

— «Quaes são as peças que Fulano ou Fulano nunca deveriam representar?»

Pois, quando tiverem sete ou oito respostas, cotejem-nas com o repertorio anunciado nos papeis... E' esse exactamente.

Uma actriz indicada para característica não scisma senão faser damas galãs ou ingénua dramaticas. Outro, que seu fisico impêle para os grotescos, teima que ha-de crear papeis de distincção e de elegancia. Um vegête a cair da tripeça abalança-se a interpretar figuras de mocidade. Senhoras de avançada idade insistem nas suas creações de ha quinze ou vinte anos. Gaiatos pequenos e sem talento não hesitam perante confrontos com artistas que ficaram celebres. E, em roda das primeiras (?) figuras, tudo o mais séguez o movimento. Anda tudo ao contrário.



Uma companhia sob as azas do manto...

Representa-se mal em Portugal? Não. Representa-se pessimamente. Porque os artistas sejam totalmente desprovidos de qualidades? Não. Deus seja louvado ainda se apuram nos nossos tablados umas trinta pessoas dignas de ser comediantes. O mal é que, pela escolha singular dos repertorios, quasi todos representam o que lhes seria vedado

pelo mais elementar bom senso, se este tivesse alguma voz no capitulo teatral.

Esse mal provem — sabêmo-lo ha muito — quasi exclusivamente de que nas companhias de agora os comediantes tem uma voz activa de mais na escolha de peças, ou porque são empresários e, portanto, no pleno direito de se albardarem á sua vontade ou porque, tendo como directores de companhia creaturas sem critério artistico e sem energia, conseguem facilmente impôr os seus gostos extravagantes.

Os originaes em primeira mão sobem á scena numa atmosfera de mistério e t mos que aguardar a primeira representação para verificar os erros de desempenho. Mas, quando se trata de peças portuguezas consagradas ou de peças estrangeiras, que conhecemos por tê-las visto representar ou pela leitura da sua edição livresca, certas noticias de jornaes dão uma interminavel e nervosa vontade de rir, a não ser que se sofra do figado e taes cousas nos produzem uma irritação feroz e inutil.



Uma ingenua e um joven de talento

O mais engraçado de tudo é que êles, se bem as scismam, melhor as fazem. Não se ficam em projectos. Representam mesmo, como se diria no largo da Carióca e ha quem vá ver por fazer parte da confraria de S. Tomé. Lendo aliás todos os dias nos jornaes que se assassina por politica, por ciumes, por velhas discordias, por embriaguez, por mil razões variadas e ás vezes por ninharias, nunca li e nunca lerei decerto que (no teatro tal) um espectador desfechou a sua Browning sobre o actor Fulano ou sobre a actriz Beltrana por este ou esta estarem representando pessimamente um papel que de modo algum lhes convinha. Os cómicos têm muita sorte!

♦ ♦ ♦

O teatro portuguez está vivendo dentro dum ilogismo que os interessados não combatem e que os ha-de matar a todos. Todos os ordenados e todas as despêsas teatraes trintuplicaram, na melhor das hipoteses. Não falemos de artistas que ganham sessenta, oitenta e mesmo cem vezes o que ganhariam noutro tempo. Poderia citar nomes e quantias, se não quisesse evitar a estas notas qualquer caracter pessoal que não está na minha intenção. Pois, apesar disso, os bilhetes de teatro custam, no maximo, vinte vezes o que custavam. Onde ir buscar o equilibrio? A' frequencia dos teatros maior, evidentemente, que nas éras das quais todos nós, de quarenta anos, estamos lembrados? Equivale isto a dizer que só se pode ganhar dinheiro com exitos violentos. Antigamente meia casa já satisfasia o emprezario. Hoje só resiste quem tenha casas quasi a transbordar trinta noites seguidas e mude de peça e de exito todos os mezes. Um fracasso inutilisa uma epoca inteira. Trinta ou quarenta contos ganhos difficilmente perdem-se numa peça infeliz e dentro duma quinzena. Remédio? Menos teatros, menos companhias, melhores conjuntos, mais justiça nos ordenados e, no final, melhor engôdo para o publico.

A dispersão de esforços e a disproporção entre receitas e despêsas tem-nos levado ao que VV. Ex.^{as} estão vendo. E hão de nos levar para muito peor, até que a força das circumstancias, a que se não resiste, indique uma situação de equilibrio admissivel.

ANDRÉ BRUN.

Composto e impresso na Tipografia da Empresa do Anuário Comercial Praça dos Restauradores, 24 — Lisboa

VARRENDO A FEIRA... DEMOCRATICA



Zé Povinho ... dos Santos clamando:
- No arraial do meu partido a harmonia é perfeita!!...